

A PATAGÔNIA



DESCONHECIDA

Este livro eletrônico abre no modo “tela cheia,”
sobre fundo preto sem outros menus.

Para passar de uma página para outra, utilizam-se
as setas do teclado. Em um iPad, dê simplesmente
uma batidinha ao borde da página, ou deslize seus
dedos sobre a tela.

Que desfrute sua visita à Patagônia Desconhecida!

A P A T A G Ô N I A

L I N D E W A I D H O F E R

D E S C O N H E C I D A



A P A T A G Ô N I A

D E S C O N H E C I D A

P A L E N A E A Y S E N , O S U L S E C R E T O D O C H I L E

L I N D E W A I D H O F E R



Pico remoto no Parque Nacional Queulat, Aysén Norte

TEXTOS LITO TEJADA-FLORES

TRADUÇÃO AO PORTUGUÊS: CRISTIAN PALACIOS LABRA

WESTERN EYE PRESS

2 0 1 1

AO SUL DO SUL

NA AMÉRICA DO SUL, a palavra “Sul” é mais que uma direção, mais que uma descrição, muito mais que um adjetivo. O Sul, o longínquo Sul, o Sul extremo e distante é um imã e uma idéia, um mito e um mistério, uma expressão do inexpressável, um indicio, uma sugestão. Às vezes é um lugar só em nossa imaginação, outras vezes apenas uma vaga noção romântica.

Porém, em algumas ocasiões, depois de uma longa viagem, de um peregrinar por uma grande paisagem, às vezes depois de cruzar uma passagem para descobrir à distância um vale escondido. Ou olhar como desaparece um rio cor turquesa trás um barranco inexplorado, ou presenciar atônito como os ventos antárticos deixam ao descoberto de súbito, uma cordilheira inteira, às vezes, nesses momentos especiais, o Sul se converte num lugar muito real, e deixa de ser uma fantasia.

O Sul é um lugar real. Seu outro nome é Patagônia. Seu nome

secreto não se soletra, mas se revela numa fantástica coleção de fiordes e bosques, cumes gelados e lagos glaciais, ventos que rasgam os céus e varrem os pampas, um espaço quase selvagem habitado por poucas pessoas e muitas surpresas.

Este é o Sul, esta é a Patagônia da qual Linde Waidhofer e eu nos apaixonamos em nossa primeira viagem ao Sul de Chile em 2002. E não é exagero. Depois de um mês viajando pela Patagônia central chilena, pela região de Aysén, fomos embora, prometendo voltar o antes possível, perguntando a nós mesmos por que íamos embora, deixando para trás a paisagem mais bela que jamais tínhamos visto, depois de um outono espetacular de grande colorido, deixando atrás novos lugares e novos amigos. Tem sido fácil voltar cada ano e cada vez por mais tempo; tem sido fácil pensar que a Patagônia é nosso segundo lar e fácil também compartilhar nossa paixão e celebrar um dos últimos lugares perfeitos de nosso planeta.



Nuvens lenticulares flutuam sobre a estepe do vale Chacabuco em Aysén oriental, local do futuro Parque Nacional de Patagônia.

A PATAGÔNIA DESCONHECIDA

DE NORTE A SUL: DESDE PALENA ATÉ O FINAL DE AYSÉN

A VISTA DE CONDOR. A PATAGÔNIA DESCONHECIDA DE CIMA

BOSQUES DE SONHO: A PATAGÔNIA VERDE

ROCHA E GELO: AS MONTANHAS DA PATAGÔNIA DESCONHECIDA

RIOS TURQUESA E UM LAGO MAIS AZUL QUE O CÉU

AS CAVERNAS DE MÁRMORE DO LAGO CARRERA

A PATAGÔNIA SECA, A ESTEPE DO LESTE DE AYSÉN.

A PATAGÔNIA ÚMIDA, O LITORAL DE PALENA E AYSÉN

QUATRO ESTAÇÕES, MILHARES DE CORES

CIDADÃOS DO SUL: AVES, ANIMAIS E COLONOS

PARAÍSO ... O PARAÍSO PERDIDO?



A primeira neve sobre o cordão Jeinimeni acima do Lago Carrera, e os tons profundos do outono nos bosques de lenga debaixo dos cumes.

DE NORTE A SUL

DESDE PALENA ATÉ O FINAL DE AYSÉN

GEOGRAFICAMENTE A PATAGÔNIA é como umas palavras cruzadas, por não dizer um quebra-cabeça. Onde começa? Onde termina? Qual é a sua envergadura? Cada definição da Patagônia tem seus partidários e seus detratores. Falar de certos cumes e picos nevados é a parte fácil. Mas isso não é tudo. Como pode ser que um bosque valdiviano, fechado e verde, seja considerado parte da Patagônia? A palavra Patagônia é tão evocativa, tão romântica, não só para estrangeiros, mas também para as comunidades locais do Chile e da Argentina, que às vezes parece que todos querem reclamar sua parte nesta Patagônia mística.

Não é necessário tomar partido. Tem muito mais Patagônia no lado argentino que no Sul do Chile. Mas este livro, esta viagem que compartilhamos com vocês, é um percurso de duas regiões contíguas no Sul de Chile: Palena e Aysén, Patagônia a final de contas. É claro, não é toda a Patagônia, porque uma grande parte da Patagônia chilena está ainda mais ao Sul.

A província de Palena é a parte mais ao Sul da região de Los Lagos, a décima região do Chile. Não se pode aceder a esta região diretamente desde Puerto Montt, já que a Carretera Panamericana (Rodovia Pan-americana) está interrompida por uma grande confusão de montanhas, fiordes e precipícios impenetráveis que caem ao Pacífico. Tem balsas que o podem levar em direção ao Sul, onde a topografia se faz mais acessível e começa de novo a Estrada. Desde aí se pode chegar finalmente à região de Aysén, a décima primeira. Por sua vez, Aysén, está separada da décima segunda região de Magallanes, a última do continente, não por fiordes, senão por um imenso campo de gelo. Isolada, separada do resto de Chile, livres de demasiada gente e demasiado progresso, Palena e Aysén se mantêm incrivelmente frescas, naturais e belas. Em uma palavra: “desconhecidas”. Desconhecidas e por isso, inexploradas. A Patagônia Desconhecida, o secreto melhor guardado do Sul.



Um litoral complexo e de difícil acesso é um dos fatores que faz com que a Patagônia Desconhecida fique desconhecida. Aqui, um estuário em Palena Norte.



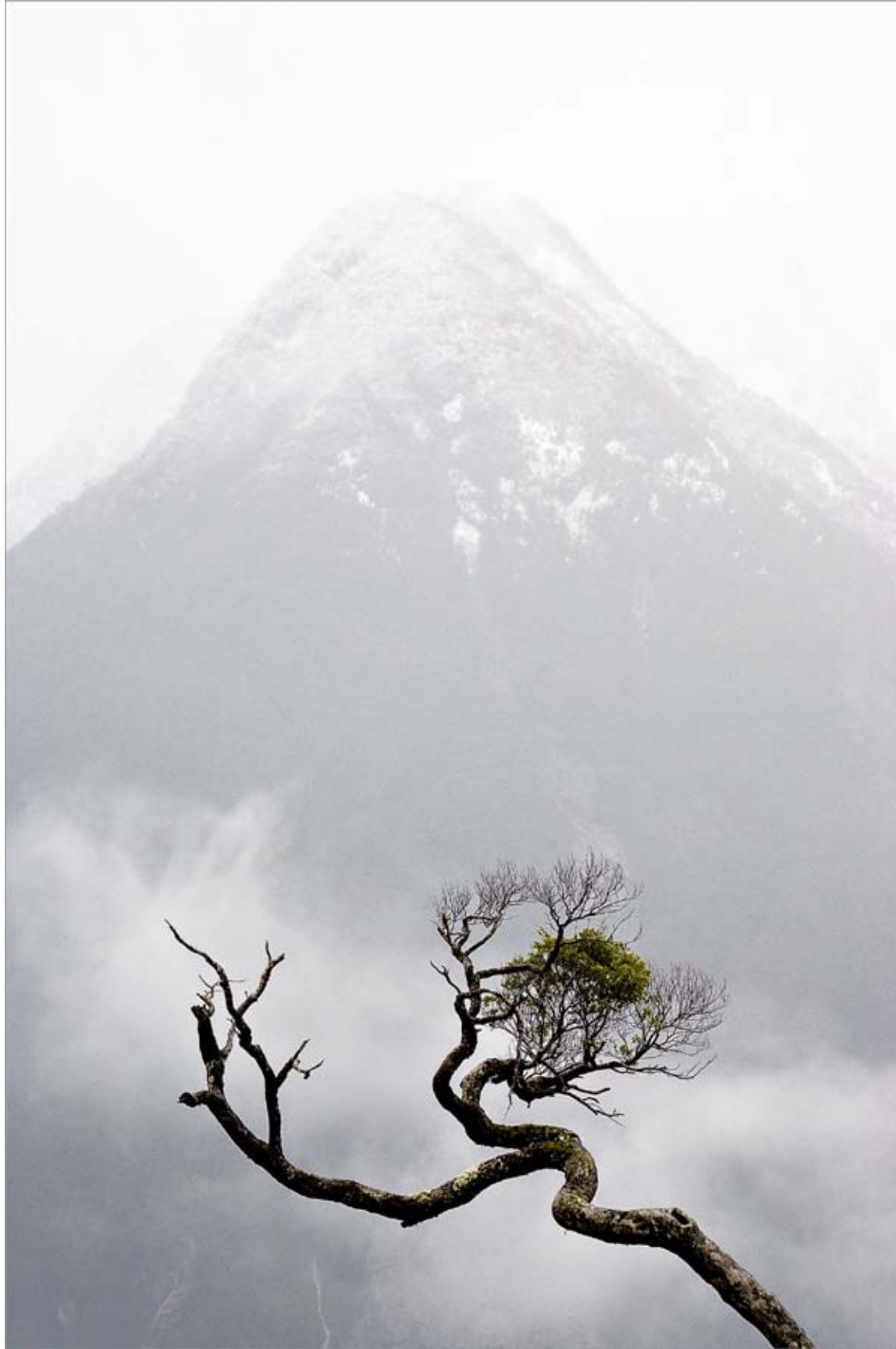
*Vulcão Michinmahuida domina as águas do Fiorde Reñihué na província de Palena.
Este vulcão encontra-se no Parque Pumalin, uma espécie de “Parque Nacional” privado, porém aberto ao público.*



A água cor turquesa do Rio Futaleufú na província de Palena—um destino lendário para os aficionados de rios selvagens.



Os coigues espectrais aumentam o sentido de mistério de montanhas na bruma de uma região de bosques valdivianos na província de Palena.



*Uma paisagem “zen”
longe do Japão —
Um morro sem nome
sobre um nhirre
torcido em Palena.*



Uma lua crescente sobre as escarpas do Cerro Castillo, morro castelo, com a dissipação da tempestade.



*Outra vista do Cerro Castillo,
cume icônica de Aysén central,
surgindo nos reflexos numa
volta do Rio Manso.*



Reflexos de outono num grande açude ao longo do Rio Murta em Aysén.

Tremoços de primavera na beira do Lago Carrera.

Vista ao Leste, em direção ao “Paso de Llaves”, ou “Passagem de Chaves”, a ponta mais estreita deste lago gigante em direção à Argentina.





Picos acima do delta do Rio Leones, e nhirres em seus trajes de cores outonais, Aysen central.

Uma nuvem lenticular de geometria perfeita, obra de ventos patagônios. Os cumes no horizonte definem a borda do Campo de Hielo (Gelo) Norte.



A VISTA DE CONDOR

A PATAGÔNIA DESCONHECIDA DESDE CIMA.

SE AS PAISAGENS DE PALENA E AYSÉN são as mais selvagens de todo Chile, não é que os chilenos os tenham protegido dos impactos do desenvolvimento industrial moderno. É que os chilenos mal puderam aceder a esta região, com muitas dificuldades e poucas pessoas. A região é uma das menos populosas de todo o continente americano. O terreno é tão áspero, tão impenetrável que a construção de caminhos sempre tem sido, e ainda continua sendo, um desafio quase inabordável. Atualmente, só um caminho atravessa de Norte a Sul esta imensa paisagem, a famosa Carretera Austral (Rodovia Sul), um nome grandioso para um caminho muito modesto. A paisagem é grandiosa, a estrada, minimalista. Ainda que esta estrada possa competir com qualquer estrada cênica do mundo por suas vistas, enquanto a gente viaja por ela, só vê uma mínima parte de esta vasta extensão de paisagens virgens.

A final de contas, a melhor maneira — e quiçá a única — para ver além dos confins de caminhos e povoados, é sobrevoar a Patagônia numa pequena aeronave. As palavras não podem captar as emoções da experiência de voar, compartilhando esta paisagem com alguns

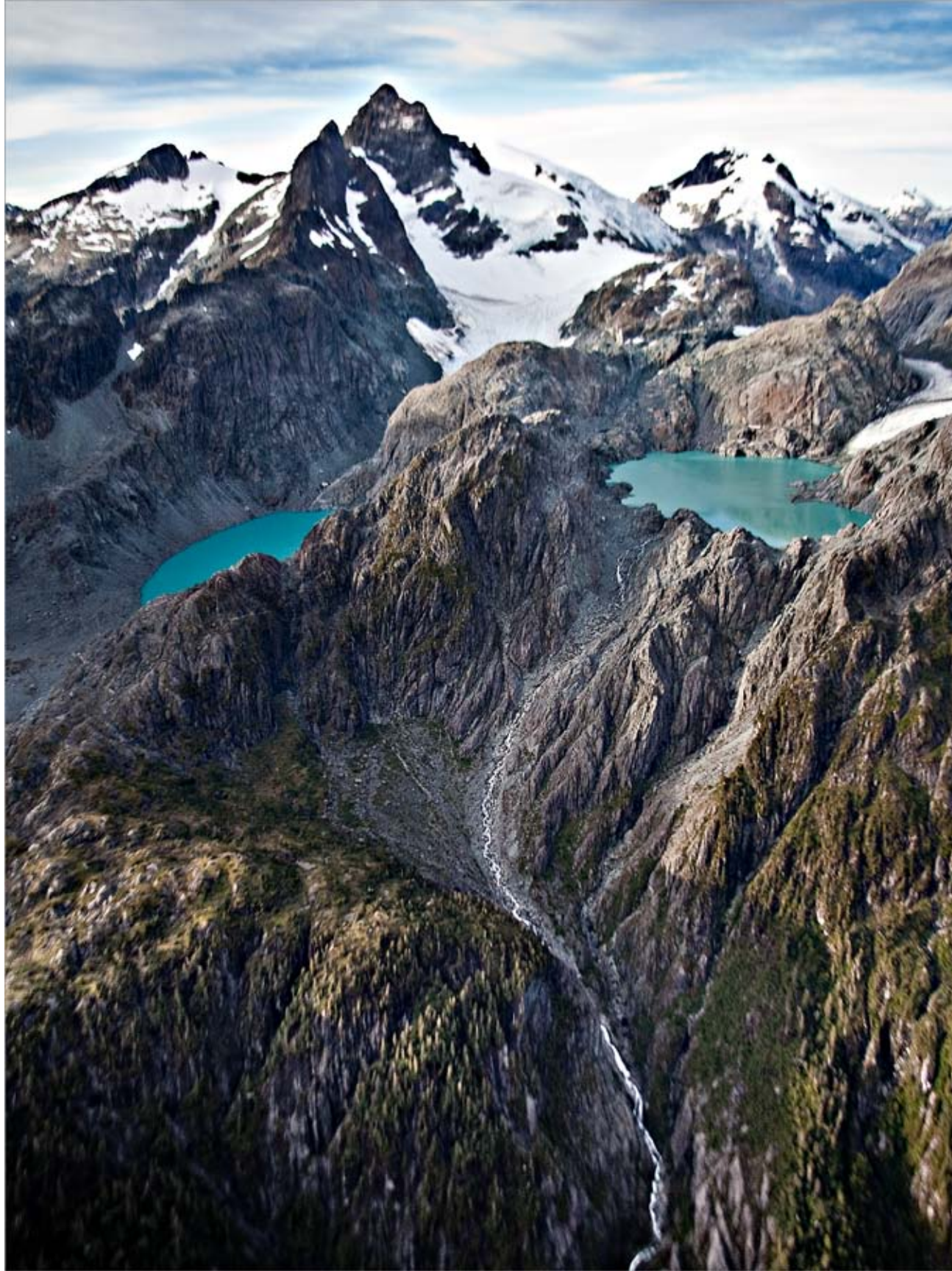
condores (*Vultur gryphus*). Esperamos que estas fotos o façam.

Cordão após cordão, rio após rio despregam-se sob o tapete mágico de uma aeronave com dois lugares. Quantas montanhas? Quantos glaciais? Quantos vales suspensos? Quantos fiordes sinuosos, lagos sem nome que nunca têm sido visitados, sequer uma vez, por colonos ou exploradores, nem pelo mais intrépido pescador, já que se requereria uma expedição de montanhistas para alcançar suas águas! Seriam necessárias semanas de trabalho árduo com machados e motosserras simplesmente para cruzar de um vale ao outro. O agreste terreno da Patagônia Norte e Palena estão bem protegidos por serem tão escarpados e abruptos. Mais ao Sul também não é fácil viajar e uma vez mais é de aeronave que se apreciam as verdadeiras formas e a beleza solitária da paisagem. Os glaciais e campos de gelo oferecem novos obstáculos. Os grandes espaços substituem os barrancos e precipícios como desafios ao fotógrafo.

Esta é a aviação de fronteira. Exigente, às vezes perigosa, sempre cheia de emoções.



É provável que ninguém tenha pisado a ribeira desta lagoa sem nome, escondida entre os picos rochosos da Palena setentrional.



*Lagos sem nome
sob os cumes sem
nome na província
de Palena.*



*As ladeiras glaciais do Vulcão Michinmahuida. Vista ao Sul, em direção ao cone simétrico do Vulcão Corcovado.
No momento, os dois vulcões estão inativos.*



Um caos glacial, mistura de rocha e gelo, tudo recoberto de cinzas, nas encostas do Vulcão Michinmahuida, Aysén.

Todos os verões o gelo dos picos se derrete, criando centenas de cachoeiras, em cada montanha em cada vulcão.





Outro lago perdido nas montanhas selvagens do Norte de Palena, congelado, coberto pela neblina, inacessível, não há rincões mais remotos.



*As cachoeiras
abundam na
permanentemente
úmida província
de Palena,*



Nem todos os vulcões da Patagônia estão inativos. O vulcão Chaitén, um vulcão relativamente pequeno na província de Palena, cuja última erupção foi há 9.000 anos, despertou em 2008, e recobriu de cinza e lama o povoado litorâneo de Chaitén. Os 4.000 habitantes foram evacuados. Na Patagônia é a natureza quem dá as cartas.

*Vulcão Chaitén
em erupção,
de cima.*





O Rio Murta serpenteia sob a Passagem Cofré, no coração de Aysén.



*Lago Cochrane
com as neves do
Cerro San Lorenzo,
ou morro São
Lourenço, ao fundo,
Aysén Sul.*



O ápice da Patagônia Desconhecida é o Cerro San Valentín, a montanha mais alta de toda a Patagônia. Este cume domina a paisagem do centro de Aysén, levantando-se mais de 4.000 metros acima das águas azuis do Lago Carrera. Os glaciares em sua ladeira Oeste formam parte do enorme Campo de Hielo Norte, e descem até o Pacífico.



*Uma pequena porção do “outro” campo de gelo, o Campo de Hielo Sur.
Este imenso planalto de gelo localiza-se parcialmente na décima segunda região
e parcialmente em Aysén, a décima primeira região.*

*Cerro San Lorenzo, o segundo maior cume patagônico, marca a fronteira entre a patagônia argentina e Aysen.
Este gigante é mais que uma só montanha; um cordão de agulhas e picos menores rodeiam-no.*





O fim da Carretera Austral (Rodovia Sul) —Villa O'Higgins e Lago O'Higgins, o último município e o último lago no Aysén Sul. Além deste ponto uma região de fiordes, montanhas e gelos separa Aysén de Magallanes, a região mais austral do Chile.

BOSQUES DE SONHO

A PATAGÔNIA VERDE

IMEDIATAMENTE ABAIXO DA CRISTA do Portezuelo Queulat, onde a estrada é uma trilha de grava tão estreita que apenas dois carros podem passar, tem uma pequena placa de madeira indicando o início de uma trilhazinha não muito evidente. A Trilha do Bosque Encantado. Dizer Encantado não é um exagero. Cada volta nesta trilhazinha revela uma cena surrealista: verdes sobre verdes sobre verdes. Árvores retorcidas recobertas por camadas de outras plantas, outros verdes, e trepadeiras cobertas e recobertas de musgo; mais verdes dos que você jamais tenha visto. Mas esta descrição, bosque encantado, poderia aplicar-se a milhares e milhares de hectares de bosques nativos, que vão desde os fiordes do Norte de Palena até os gigantes campos de gelo que separam Aysén da região mais austral do Chile, Magallanes, localizada ainda mais ao Sul.

Eu disse bosques nativos? Só em lugares isolados podem-se ver linhas de pinheiros plantados — um grande erro ambiental por engenheiros florestais que nunca tinham pisado as colinas escarpadas do Sul. Chile não tem escapado dos erros da silvicultura industrial. Porém, os bosques nativos têm uma perseverança e uma força

surpreendentes. Ao Norte de Palena, os alerces (*Fitzroya*) gigantes de mais de 30 metros de altura e séculos de antiguidade, olham desde cima os ulmos (*Eucryphia cordifolia*) vestidos de flores brancas. Os fechados bosques de nothofagus, lengas (*Nothofagus pumilio*), nhirres (*Nothofagus antartica*) e coigues (*Nothofagus dombeyi*), dominam a paisagem de Aysén desde as alturas até o fundo dos vales. As distintas espécies de nothofagus não são iguais. Os coigues, altos, imponentes e às vezes fantasmagóricos, são gigantes sempre verdes. Os outros explodem, estouram nas mil e uma cores do outono para logo esvaír-se ao monocromo do inverno. Em abril as lengas pintam os altos de Aysén com pinceladas que vão da cor tijolo queimado ao bordô, enquanto os nhirres mostram um arco-íris de cores desde o amarelo, passando pelo alaranjado até o vermelho saturado em um mesmo pequeno bosque, às vezes numa mesma árvore, inclusive num só galho. E por todas as partes, a fedra (*hedera helix*) e o bambu ou colihue (*Chusquea culeou*) respingam estes bosques do Sul, difíceis de caminhar, difíceis de esquecer.

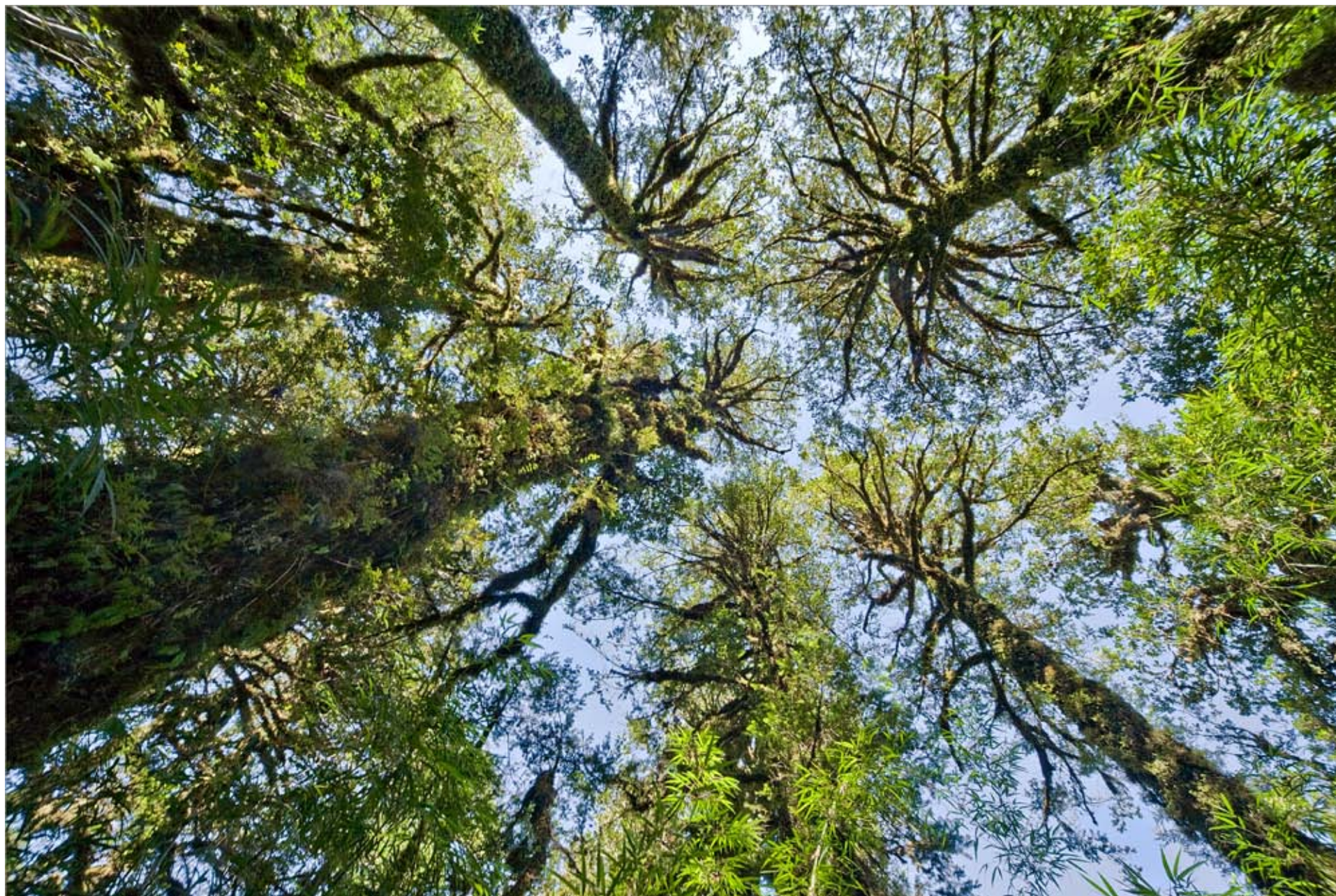


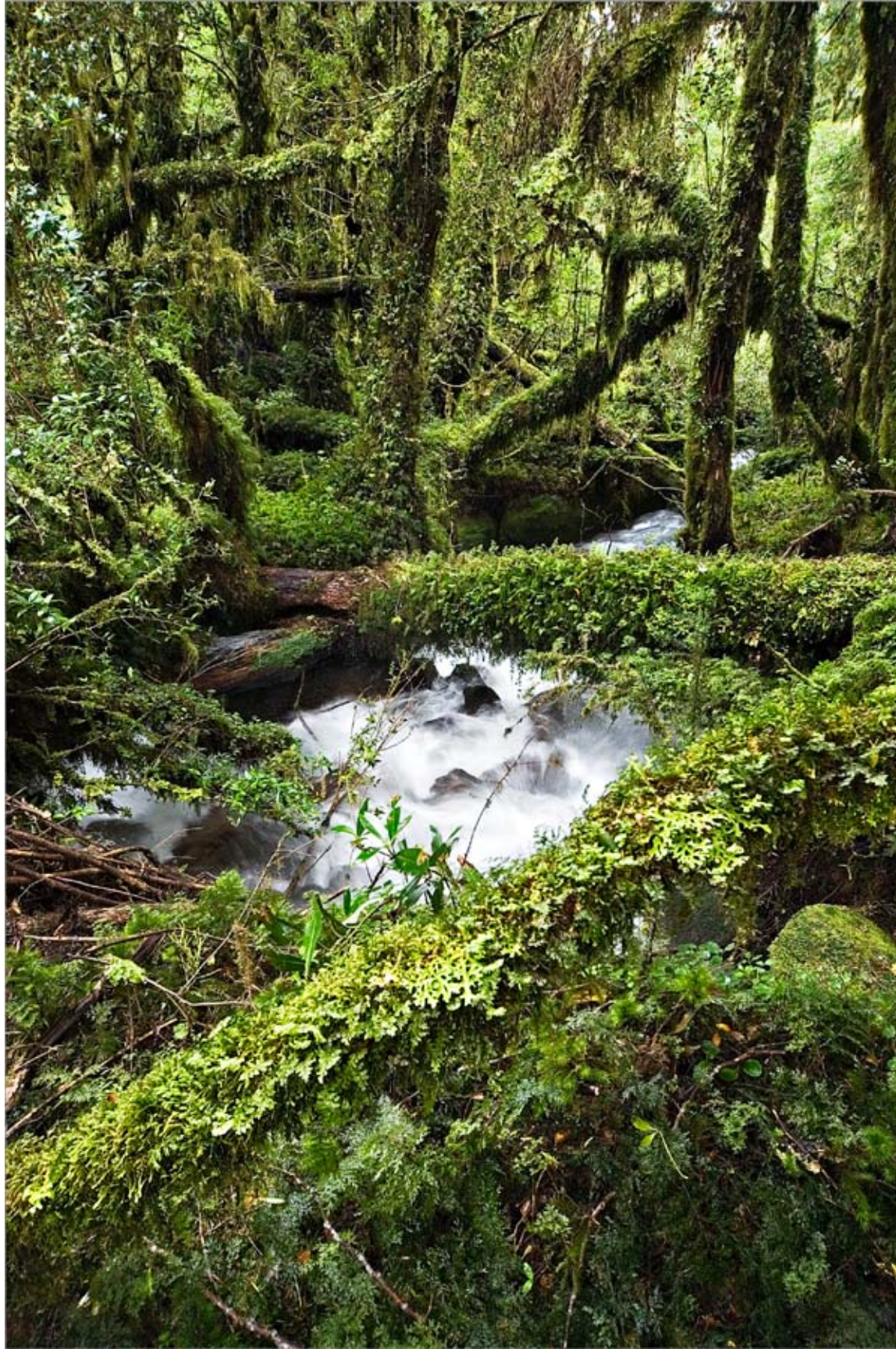
Os Alerces, imensos ciprestes nativos do Sul. Parque Pumalín, província de Palena.



*Os Alerces, um tipo de cipreste, são as maiores e mais antigas árvores da América do Sul.
Hoje estão protegidos da indústria madeireira, mas estão muito menos numerosos que antes.*

Aproximadamente um terço dos alerces sobrevivendo encontram-se protegido no Parque Pumalin, na província de Palena.





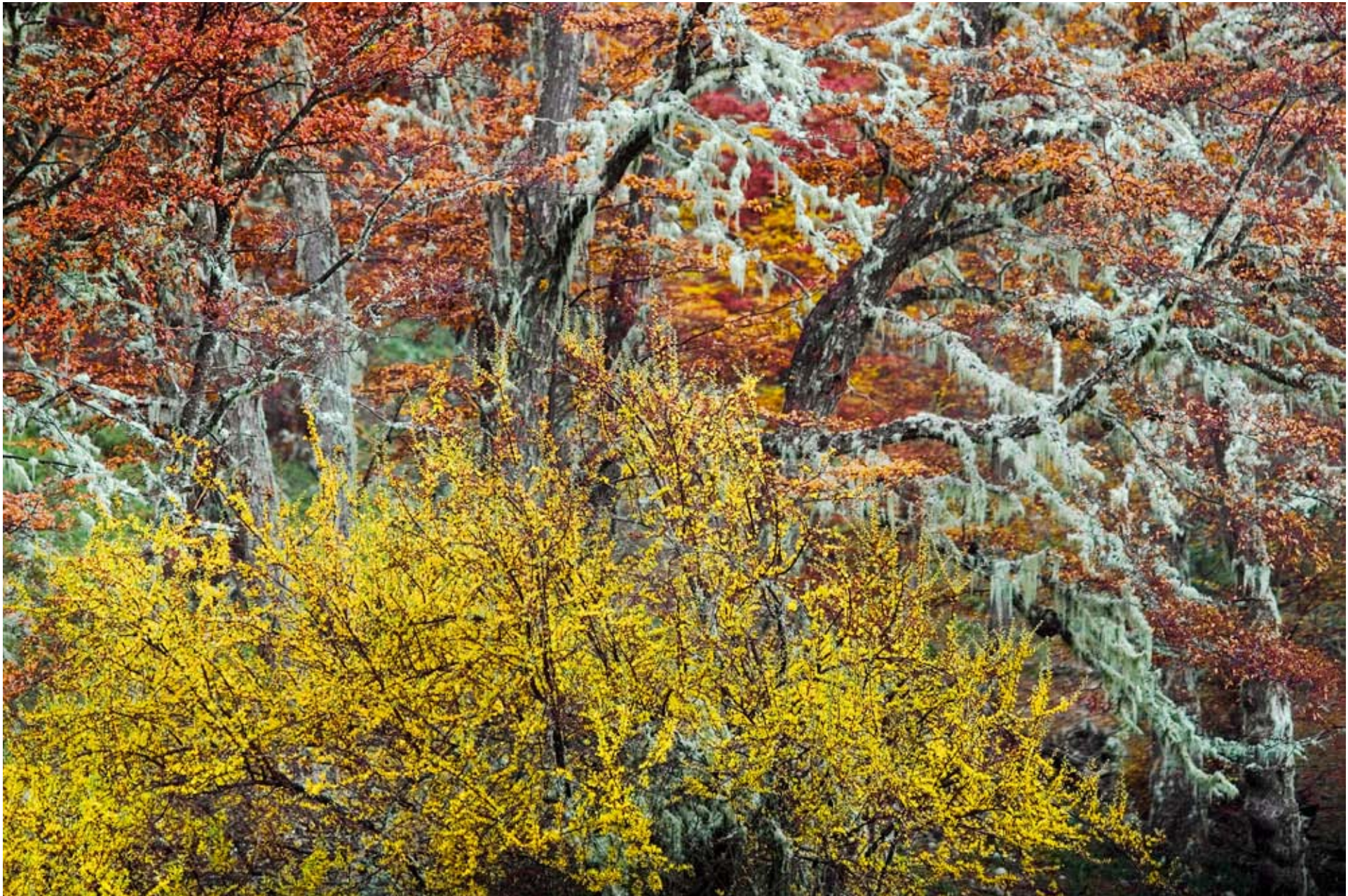
*O bosque encantado,
Parque Nacional Queulat,
Aysén setentrional*



*Verde sobre verde sobre verde ao longo do Sendero do Bosque Encantado.
Parque Nacional Queulat, no Aysén setentrional.*



Coigues altos na Passagem Queulat. Entre as três espécies de nothofagus da Patagônia, os coigues são os únicos sempre verdes.



Um bosque composto de lenga e nhirre. Um tipo de musgo, chamado “barba de viejo” ou barba de velho, é muito comum nestes bosques.



Barba de Viejo envolve os troncos de lengas de um bosque nativo no Aysén meridional.



Esperando a primeira neve. Lengas em Portezuelo Ibañez, a passagem mais alta da Carretera Austral (Rodovia Sul) a 1.425 m sobre o nível do mar.

ROCHAS E GELO

AS MONTANHAS DA PATAGÔNIA DESCONHECIDA

DIFÍCIL É FALAR DA PATAGÔNIA sem falar de suas montanhas. Impossível é pensar na Patagônia sem pensar em suas montanhas. Estas montanhas são a Cordilheira dos Andes; a coluna vertebral de um continente. Mas os Andes patagônicos são diferentes. Não são os Andes gigantescos perto do equador, mas gigantescos por direito próprio. Em Peru abundam os picos de 6.000 metros sobre o nível do mar. na Patagônia uma montanha de 4.000 metros sobre o nível do mar é gigante porque nasce à altura do oceano. Incluso alguns cumes na Patagônia nascem diretamente do oceano. Um punhado de altos cumes na Patagônia eclipsam todos os outros. O Cerro San Valentín no coração de Aysén e o Monte San Lorenzo, no limite com Argentina são os mais altos, os mais imponentes, os pontos mais altos de maciços inteiros de montanhas.

As alturas de Patagônia se definem não apenas pelos mesmos cumes, mas por seus imensos campos de gelo. Estes campos de gelo são muito mais grandiosos que simples glaciais, são famílias

de glaciais, comunidades de glaciais, glaciais que se estendem até o horizonte e ainda além. As línguas glaciais nascem desde estes imensos lençóis de gelo, descem e se retorcem entre canais de rochas para afundar-se em lagos perdidos. Os 2400 kms² do Campo de Gelo Norte são uma presença escondida trás o cenário de grandes picos. É daí de onde vem o clima. Quando os ventos patagônicos acordam, recolhem nuvens de vapor de estas vastas planícies de gelo, gerando grandes tempestades. Os Campos de Gelo são os mais importantes protagonistas na complexa geografia da Patagônia Desconhecida. Desde o fundo dos vales quase não se vêem. Mas sempre estão aí, perto e longe ao mesmo tempo.

Inclusive os cordões menores estão bem defendidos. Inumeráveis torres de rocha esperam uma nova geração de montanhistas que venham a descobri-las, a descobrir o aceso a seus pés e as rotas a seus cumes, que venham a redescobrir a magia das montanhas desconhecidas.



Cumes cobertas de gelo no Parque Nacional Queulat, justo ao Norte da Passagem Queulat, Aysén setentrional.



*Uma das agulhas que rodeiam o Cerro San Lorenzo,
uma agulha até agora sem nome e sem escaladas.*

A mesma agulha do cordão San Lorenzo após um temporal de alta montanha.



Um amanhecer espetacular. A primeira luz no Cerro San Valentín e seu vizinho pequeno, o Escudo de Plata.





*El Fiero, o feroz, embora seja o menor cume do grupo San Valentín, é porém uma montanha gigante.
Fotografado aqui nos últimos dias do outono, El Fiero se levanta ao poente do Lago Carrera.*



*Uma pirâmide de rocha acima do Rio Cisnes,
ao pé da Passagem Queulat.*

*Todo cambia, tudo muda —
a mesma pirâmide de rocha no inverno.*





Cerro Castillo num claro dia do outono.

Não o maior, mas, sem dúvida um dos cumes mais imponentes de Aysén.

Cerro Castillo, envolto nas nuvens de uma tempestade.



RIOS TURQUEZA

E UM LAGO MAIS AZUL QUE O CÉU

A LENDÁRIA PATAGÔNIA que se mostra nas revistas de montanhistas é seca e varrida pelo vento. Mas o coração desconhecido da Patagônia Chilena é uma reserva de água: rios, centenas de rios, e lagos, centenas de lagos, se contamos cada banhado.

Cada rio tem sua própria cor, um tom emocionante de turquesa. Estes rios são alimentados por glaciais, por tanto arrastam um sedimento glacial, que é muito, muito mais fino que o encontrado nos rios glaciais do hemisfério Norte. Estas águas não são leitosas com sedimentos glaciais, senão que são transparentes, de uma cor impressionantemente azul porque tem sedimentos microscópicos em permanente suspensão. Os fotógrafos destes rios e lagos cor turquesa, geralmente ficam com a suspeita e desconfiança permanentes. “Devem ter criado essa cor no computador”, e não é assim. De fato, a tentação do fotógrafo sempre é diminuir a intensidade da cor da água com a esperança de que se vejam mais verossímeis. Ver é crer, e nós temos visto os rios e lagos com as cores mais intensas do mundo na Patagônia.

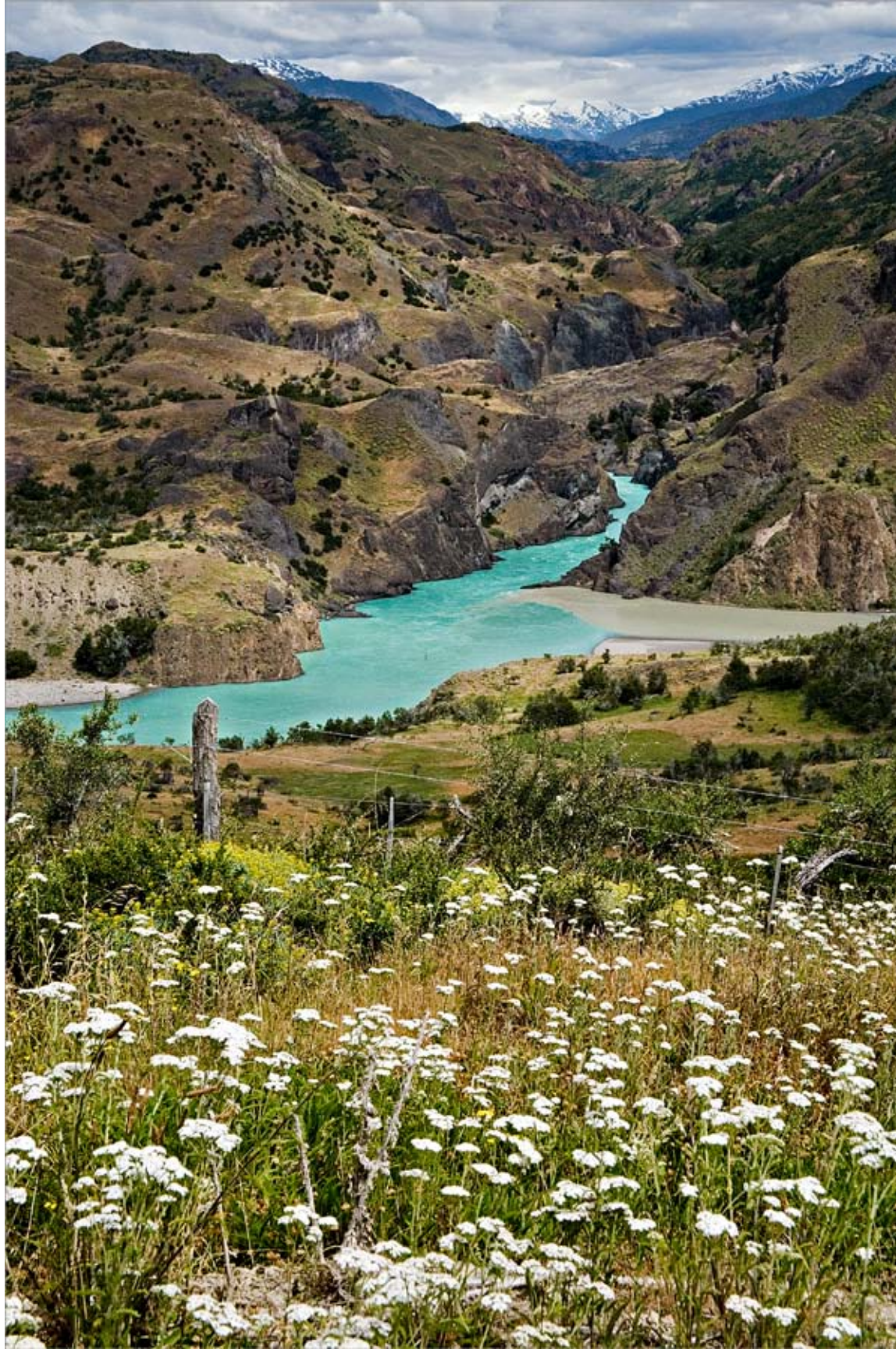
Cada um tem seu lago favorito na Patagônia. O Lago Carrera é o nosso. É a jóia de Aysén, um lago mais azul que o céu, maior que o mapa, mais comprido que a rodovia e muito mais larga que as lentes de nossas câmaras. Demasiado grande para ser louvado numa página ou num parágrafo repleto de adjetivos, porém merece cada um. Lago Carrera é a abreviatura de Lago General Carrera, que é o nome que deram os chilenos à parte ocidental de um grande lago que abarca os Andes e cuja parte oriental, em Argentina, é conhecida como o lago Buenos Aires. A gente se pergunta si estes nomes tão nacionalistas são realmente necessários. Aparentemente os povos originários, os mapuches, que viveram nestas latitudes antes que chegassem os europeus o chamaram Chelenko, ou algo similar. Chelenko é a palavra mapuche para designar à cria de um guanaco (*Lama guanicoe*). Sem exagerar, este lago é realmente gigante, o segundo maior da América de Sul depois do Titicaca na fronteira entre Peru e Bolívia. É. E não o amamos pelo seu tamanho. O Lago Carrera é simplesmente o lago com a cor mais bela e mais intensa que jamais tenhamos visto.



Um azul de outro planeta—rápidos no início do Rio Baker próximo de Puerto Bertrand, Aysén.



Ao longo do Rio Baker embaixo do Lago Bertrand. Em sua jornada para o Pacífico, o Baker cresce para tornar-se o rio mais caudaloso de Chile. Assim, é um alvo irresistível para aqueles que vêm lucro em lugar de luminosidade em suas águas turquesa.



*O Rio Baker em sua
confluência com
o Rio Chacabuco,
menos caudaloso e
cheio de sedimentos.*



As águas sublimes do Rio Baker, o rio mais importante e icônico dos tantos rios de Aysén.

Branco sobre azul, os rápidos na nascente do Rio Baker.





Pura energia—o salto, ou queda na confluência do Rio Baker com o Rio Nef.



Lago Carrera. Seu nome formal é Lago General Carrera, mas muitos na região estão começando usar seu nome indígena, Lago Chelenko.

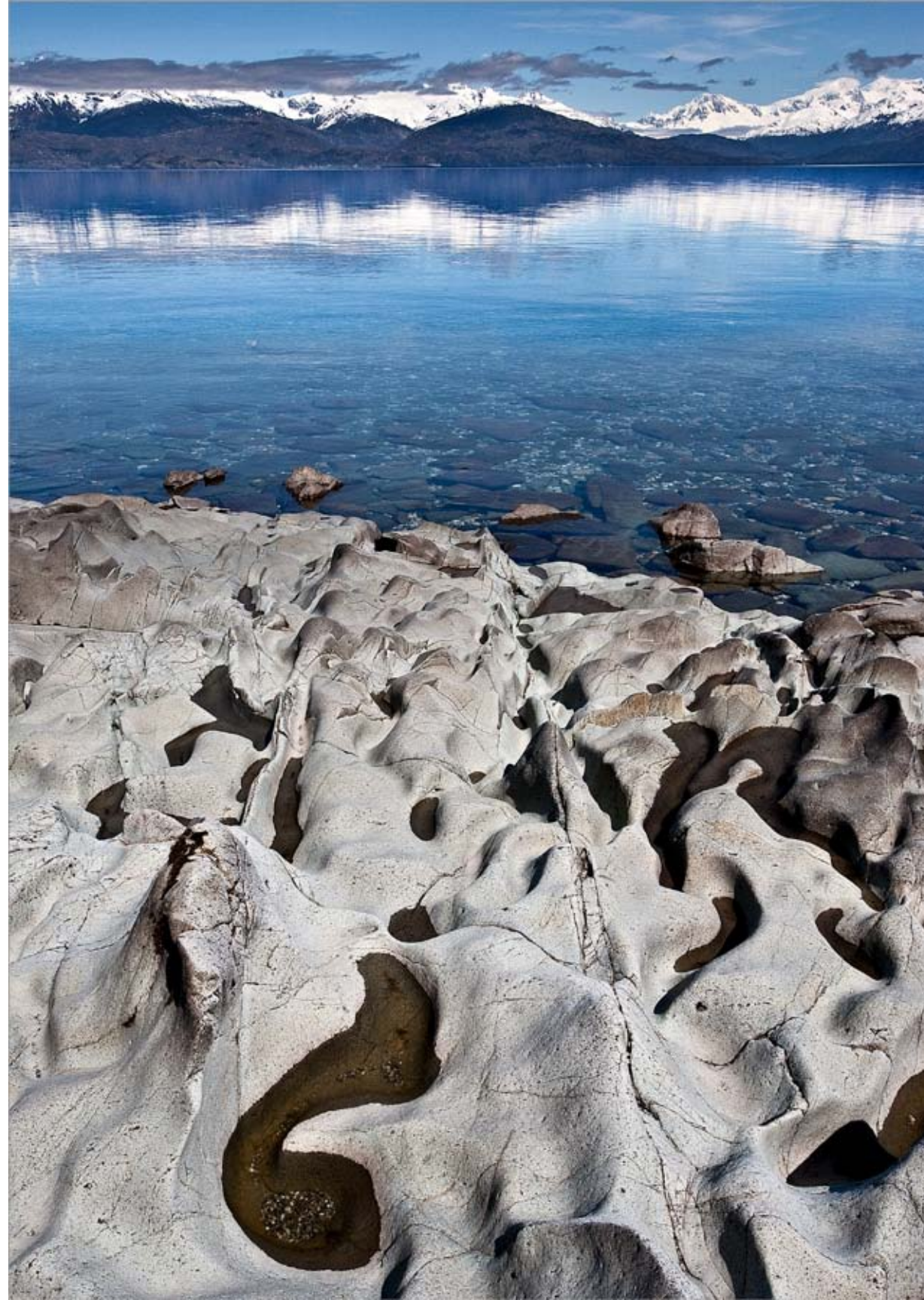


Ainda sob céu de tempestade, o Lago Carrera no coração de Aysén, está sempre mais azul do que o céu.



*Vista através do
Lago Carrera
desde Puerto Guadal
em direção aos picos
do cordão Cristal*

*Lago Carrera,
uma olhada ao
poente e o cordão
San Valentín.*



Um temporal armando-se sobre o Lago Carrera





Uma tarde sem vento transforma o Lago Carrera num espelho.



*Capim rabo de raposa
(Cortaderia Selloana) e
a Passagem de Llaves, a
ponta mais estreita do Lago
Carrera.*



Reflexos de fim de tarde no Lago Carrera: O Cordón Cristal e a Isla Macias.

AS CAVERNAS DE MÁRMORE

A LUZ AZUL que se produz nas águas do lago Carrera jamais decepciona, mas encontra-se em seu melhor momento dentro das cavernas de mármore esculpidas pela ação das ondas durante milênios na base de grandes abismos e rochas na costa ocidental do lago. As rochas aqui são de mármore verdadeiro. Os habitantes locais chamam Catedral de Mármore e Capela de mármore às mais proeminentes destas inverossímeis formações rochosas, e tem múltiplas cavernas nos abismos da costa que não têm nome.

De Norte a Sul corre um insólito filão de mármore, aparece na costa ocidental deste lago gigante. A rocha é uma mistura espiral de matizes de branco e cinza. O mármore aparece no antigo povoado mineiro de Puerto Sánchez, quase abandonado, na costa Norte, forma pequenos abismos que rodeiam a grande ilha Panicini. Logo reaparece como uma grande península perto de Puerto Tranquilo e finalmente forma umas pequenas cavernas na costa Sul do lago, perto

DO LAGO CARRERA

de Puerto Guadal. Por que mármore? Por que aqui e não em outras partes do lago? Temos feito estas perguntas a todos nossos amigos geólogos – perguntas que tem ficado até agora sem resposta.

Em Bahía Mansa, alguns quilômetros ao Sul de Puerto Tranquilo, uma senda abrupta desce a um pequeno porto escondido. Um posto fronteiroço entre a realidade e a fantasia. Dez minutos mais tarde o pequeno barco entra num universo particular, um mundo privado de mármore esculpido e uma inquietante luz azul.

O olhar não para, não tem pausa na superfície do lago, se submerge dentro da água igual como os abismos de mármore, afundando-se na claridade azul, cinco metros, dez metros e mais, se vê cada fissura, cada detalhe da rocha sob a água cristalina. Um lago impossível cheio de uma água impossivelmente azul. Sem as fotografias como evidencia, se poderia pensar que foi só um sonho. Não foi, mas é.



O mármore verdadeiro é bastante raro na natureza, mas a combinação de mármore e água cor turquesa é ainda mais rara. Agora, cavernas de mármore esculpidas, cheias de água azul intenso, são completamente únicas. A água o fez, perfurando cavernas nos alcantilados à beira do lago quando as ondas jogavam pedregulhos contra a rocha da beira.

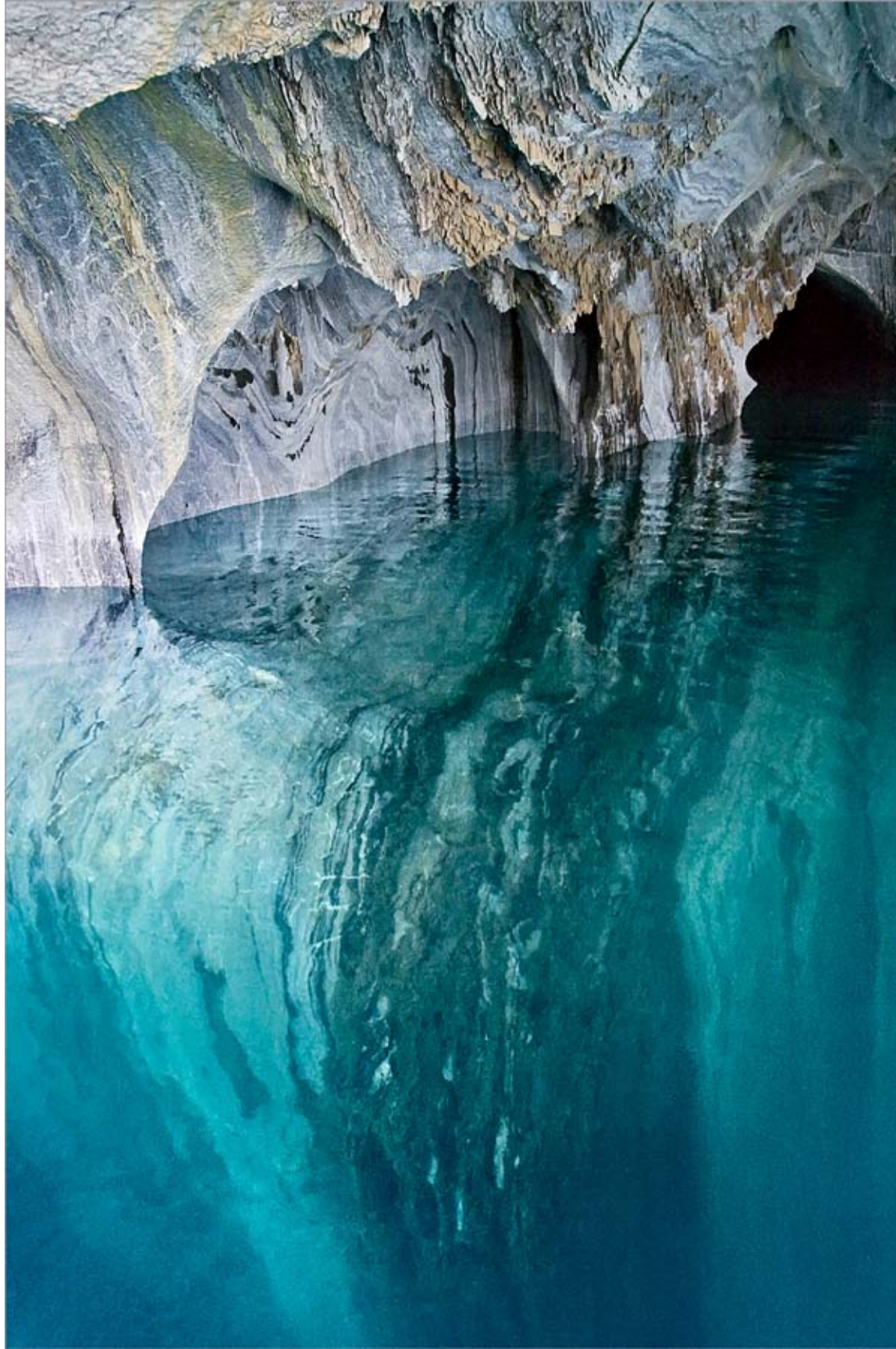


*Dentro das cavernas de
mármore do Lago Carrera,
perto do povoado de
Puerto Tranquilo.*



Olhando em direção à Isla Macias desde a Capilla de Mármol, ou capela de mármore.

*Água transparente
e pedra reluzente
nas cavernas de
mármore.*





*Mais mármore
debaixo d'água
do que encima.*

*Na Catedral de Mármol,
Puerto Tranquilo,
Lago Carrera.*



*Pilares esculpidos
em mármore
na Isla Panicini,
Lago Carrera.*





*Formações dentro da Catedral de Mármol,
perto de Puerto Tranquilo, Lago Carrera, Aysén.*

*Outra passagem de água
de uma caverna à outra,
Catedral de Mármol.*



A PATAGÔNIA SECA

A ESTEPE DO LESTE DE AYSÉN

ESTA É A OUTRA PATAGÔNIA, a que cantam e conhecem os “gauchos” e pastores de ovelhas. São como dedos da estepe patagônica argentina que se encontram em algumas bacias do lado chileno. As estepes do Leste de Aysén são amplos vales semi-áridos, uma paisagem afiada e espinhosa coberta de matagais que prendem e prendem você. São vales por sempre inóspitos, nunca exuberantes, cheios de coirón (*Festuca gracillima*) e plantas espinhosas de calafate (*Berberis ruscifolia*), redondas almofadas de ninar, que parecem inocentes, mas escondem milhões de espinhas. Onde o céu está cheio de velozes nuvens, mas quase nunca chove. Onde as árvores são curtas, quase atrofiadas, sempre golpeadas pelo vento e os escassos pequenos bosques são abertos escancarados. Onde os finais

dos vales são amplos pampas, e a vista se estende por quilômetros e quilômetros, interrompida somente quando aparece um pico nevado no horizonte longínquo.

O território da estepe tem sua própria beleza minimalista — colinas patrulhadas por condores (*Vultur gryphus*) e águias, guanacos (*Lama guanicoe*) que se revolcam na poeira ou se mantêm vigilantes em solitários riscos, pumas (*Puma concolor*) cuja presença você pode sentir, mas jamais poderá ver. Uma paisagem que se explora a cavalo, uma paisagem onde os ventos patagônicos estão à altura de sua reputação, uma paisagem que completa a exótica variedade, o louquíssimo “patchwork” de zonas silvestres que fazem que seja tão difícil descrever e tão fácil amar a esta Patagônia Desconhecida.



Nuvens velozes, arvorezinhas que espetam, prados de erva semi-árida—a verdadeira estepe patagônica.



Os grandes espaços e um clima imprevisível: Estepe, savanas e pampas. Esta paisagem tão aberta parece vazia. Mas não é. O futuro Parque Nacional da Patagônia que está sendo criado dentro e nos arredores do vale Chacabuco tem uma biodiversidade surpreendente. Este vale já foi o coração de uma grande fazenda de criação de ovelhas, e só agora está recuperando-se de gerações de uso excessivo para pastagem.



Os guanacos, “primos meridionais” das lhamas de Los Andes do Norte, heredaram a estepe do Vale Chacabuco.



Os tons do outono pintam os prados do Vale Chacabuco enquanto as primeiras neves reconquistam os cumes.



Enquanto rebaños de guanacos, desde algunas dúzias até algumas centenas, comem coirón e calafate, uma sentinela fica alerta para vigiar pumas.

A PATAGÔNIA ÚMIDA

O LITORAL DE PALENA E AYSÉN

EM QUE OUTRO LUGAR o clima muda tão bruscamente em tão curta distância? Assim como Chile, a Patagônia é estreita, uma cinta de terra desenvolvida entre os Andes e o Pacífico.

Quando a gente viaja para o Oeste em direção ao litoral desde a relativamente seca fronteira com Argentina, parecera que cada quilômetro traz consigo mais nuvens, mais chuva. Em cada quilômetro, a Patagônia se torna mais verde, mais úmida. Em Palena, ao longo da costa, o normal é que chova 6.000mm ao ano. Um verdadeiro bosque chuvoso, mas um bosque chuvoso temperado. Frio e com neblina. O perfeito berço para árvores gigantes.

Assim como o litoral de Palena é intrigantemente diferente do interior, é também muito menos conhecida, menos visitada. O litoral da Patagônia Desconhecida é ainda mais desconhecido que o resto da Patagônia. É ainda mais difícil de chegar a ela. Mais difícil de compreender. Este litoral do Sul é uma confusão de território silvestre composto de ilhas, fiordes e canais que fazem que o Sudeste do Alaska

pareça aberto e amistoso.

A cada certo trecho uma estreita trilha se abre caminho em direção de um pequeno porto, uma vila de pescadores no litoral. Mas na sua maioria, esta complexa linha costeira está desabitada, ou seja, cheia de vida não humana. Aqui respiram as baleias, rugem os lobos marinhos sem que ninguém os ouça, milhares de ilhas esperam os remadores de caiaque que acampem em seus cabos rochosos.

Um canal interior, entre milhares de outros, leva aos turistas em “catamarans” em direção à Laguna San Rafael, onde um imenso braço do Campo de Gelo Norte cai nas águas salgadas do Pacífico. Desprendem-se icebergs e ficam à deriva, e os passageiros, também à deriva, saboreiam “pisco sour” em seus copos cheios com gelo milenar. Uma hora depois, o litoral fica tão vazio, tão misterioso, tão longe da gente e suas paixões como sempre, como tem sido durante milhares de anos. A Patagônia úmida. A Patagônia desabitada. A Patagônia viva.



Fiorde Puyuhuapi, um braço tranquilo do Pacífico, longe do mar aberto, no Norte de Aysén.



Uma colônia de lobos marinhos (Monachus) na costa de Palena



*Os fiordes tem sempre servido como pontos de entrada ao interior da Patagônia Desconhecida.
Hoje o meio ambiente prístino de muitos fiordes costeiros está ameaçado por pescadores de salmão negligentes.*



O Campo de Hielo Norte despenca nas águas da Laguna San Rafael, na realidade nem lagoa nem lago, mas um braço do Pacífico.

Icebergs na Laguna San Rafael, debaixo de cumes costeiras sem nome.



QUATRO ESTAÇÕES

MILHARES DE CORES

O ANO AUSTRAL GIRA sobre um eixo antártico de clima selvagem e luz mutante, gira e gira – às vezes a um ritmo louco. “As quatro estações num dia”, dizem os patagônios, e é quase certo. Em alguns dias, é a pura verdade.

Nos céus, correm as nuvens, tem chuvas curtas e arco-íris longos, mas não têm raios e nunca trovões.

Ladeiras de morros cobertas de árvores, com o vermelho vibrante do notro (*embothrium coccineum*) em primavera, múltiplos vermelhos em outono quando as folhas dos caducifólios mudam para as cores mais cálidas do espectro.

Prados invadidos de flores silvestres, a cor conquista a Patagônia tom a tom. Primeiro o roxo dos lupinos. De repente os vales de Coyhaique e Mañihuales mudam para um sólido púrpura violeta.

Logo o alaranjado do Michay (*Berberis darwinii*). Tapetes de amarelo tecem os dentes de leão (*Taraxacum officinale*), espalhados abaixo dos picos e logo chega uma segunda aparição de amarelo,

surgem os lupinos amarelos, altos como uma pessoa. E sempre, as onipresentes árvores de flores vermelhas, o notro ou ciruelillo (*embothrium coccineum*) que floresce durante meses.

E quando já parece que não é possível algo novo, logo de um longo verão de arbustos espinhosos, os calafates, as pimpinelas (*Sanguisorba minor*), e os eternos verdes nos bosques explode estoura o festival de cores do outono: as folhas de nhirres e lengas começam lentamente a vestir-se de cor, e depois, cada dia com mais intensidade ardem em chamas, virando loucas, superando-se nesta corrida de esplendores. Mas não é o simples vermelho do arce (*Acer campestre*) de New England, tampouco o amarelo ouro puro dos álamos nas Montanhas Rochosas de Colorado, senão que aqui surge o espectro completo de cores. Todas as cores mais cálidas de entre as cores cálidas, um arco-íris de amarelos, alaranjados, vermelhos e roxos. Cores que aquecem o coração. As cores mais fortes do Sul.



*Retamo
(Cytisus
scoparius), e
chochos (Lupinas)
no vale de
Mañihuales.*



Todo o espectro de cores está presente nos chochos na beira do Lago Carrera a Puerto Guadal, com o cordão Cristal de fundo.

Uma barreira de lupinas amarelas perto de Puerto Tranquilo. Vista em direção ao braço Norte do Lago Carrera para a Bahía Murta.





*O notro ou ciruelillo (*Embothrium coccineum*), às vezes um arbusto, às vezes uma árvore, sempre vermelho aceso.
Olhada ao Leste, em direção à Isla Macias e Argentina.*



Os tons colorados de outono em Aysén, um arco-iris de folhas de nhirre misturadas com “barba de viejo” o musgo pendente dos bosques patagônicos.



*Nhirre multicolor em
Passagem Ibáñez,
no final de abril,
pleno outono
em Aysén.*



Una explosão de cor nos pequenos bosques de nhirre e lenga na Passagem Cofré, Aysén central.



Os nhirres em outono junto às águas calmas de un “mallín”, o nome local para dolina.



*Líquens brancos
cobrem o solo
onde antes
caíram as cinzas
do vulcão
Hudson*

*Torres de rocha
calcárea entre os
bosques de lengas no
Portezuelo Ibáñez,
Aysén.*



Em outono, alamos (Populus nigra) próximos de Puerto Ibañez. Estas árvores foram amplamente plantadas pelos primeiros colonos em Aysén.





Lengas nos últimos dias do outono empurram seu vermelho profundo por cima do topo das árvores no litoral Norte do Lago Carrera.



A primeira neve, última cor, nos bosques de nhirre perto do Cerro Castillo, Aysén.

CIDADÃOS DO SUL

AVES, ANIMAIS E COLONOS

À PATAGÔNIA DESCONHECIDA LHE SOBRA A PAISAGEM. Um amigo fotógrafo, depois de sua primeira viagem à Patagônia central de Chile nos disse: “Assim deve ter sido o mundo ao dia seguinte da Criação”. E é bem provável. A paisagem da Patagônia é vasta e variada, pura e misteriosa, porém e embora não esteja cheia de casas e cidades, não está nem repleto de autopistas, e também não está vazio. É uma paisagem povoada. Uma paisagem cheia de habitantes locais. Porém a maioria dos habitantes não são pessoas. Somos minoria na Patagônia.

Os verdadeiros habitantes da Patagônia são suas aves, suas criaturas. Eles chegaram primeiro. Esperamos que fiquem sempre.

As aves do Sul são uma mescla curiosa. É claro que o condor simboliza Los Andes, poderia parecer que os bandos de flamingos estão fora de lugar, mas são nativas também. A menor coruja do mundo, o chuncho (*Glaucidium nanum*), passa seus dias na Patagônia, assim como também um dos pássaros mais tímidos e à vez mais vistosos, o pica-pau de Magalhães com cabeça vermelha. Tem aves marinhas empurradas pelo vento para o interior; e tem pássaros cantantes como o chucao (*Scelorchilus rubecula*), que se esconde nos arbustos sob seus pés e cuja música é o mais belo som do Sul.

Têm escassos mamíferos grandes aqui. Os guanacos, membros da família das lhamas (tecnicamente o camelídeos da América do Sul), encontram-se por todos os lados nas estepes do Leste de Aysén. Muito mais exótico é o cervo chileno, o huemul (*Hippocamelus bisulcus*). Ainda quando está presente no escudo nacional de Chile, o huemul está ameaçado e em perigo de extinção; restam hoje menos de 2.000 huemuis. E tem animaizinhos que já não se encontram em nenhum outro sitio, como a “vizcacha austral”, ou chinchila da montanha (*Lagidium viscacia*), um peludo habitante dos abismos que parece uma mistura de coelho com marmota.

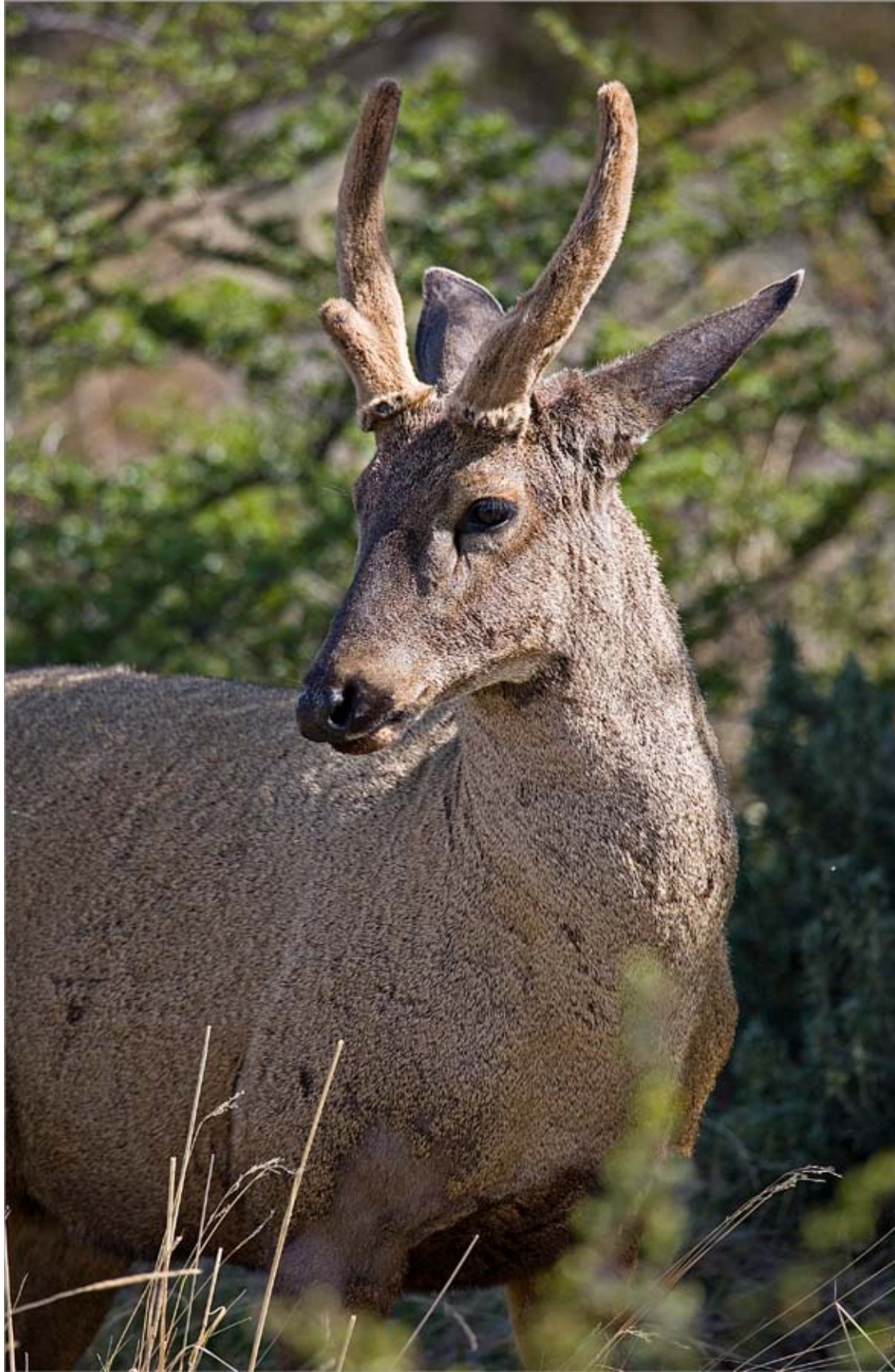
E quem mais habita esta Patagônia? Os colonos, os imigrantes europeus são relativamente novos aqui. Muitos de seus avós peregrinaram pela pampa argentina para chegar a Aysén e Palena. Como todos os pioneiros foram extraordinariamente valentes e continuam sendo. Como todos os pioneiros, os colonos da Patagônia se focaram mais bem em dominar à natureza que em celebrá-la. Num par de gerações inseriram firmes suas raízes. Atualmente, o patagônio ama sua terra. Sabem do privilegio de viver longe do terrível tráfego da capital, de respirar ar puro, de beber água pura, de serem cidadãos do Sul.

*O carpinteiro de Magallanes
(Campephilus magellanicus),
ou pica-pau de Magalhães,
apenas o macho tem
a cabeça escarlata.*





Um “chuncho,” (*Glaucidium nanum*) ou coruja austral, é a menor coruja do mundo, oriunda da Patagônia.



*Um huemul
(Hippocamelus bisulcus),
ou cervo sul andino, hoje
uma espécie em perigo.*



A “vizcacha austral”, ou chinchila da montanha (Lagidium viscacia), tímida e tranquila, passa longas horas olhando a estepe desde seus precipícios.



Filhotes recém nascidos de guanaco, conhecidos como “chulengos”, pulam e brincam pela estepe do Leste de Aysén em dezembro.



*Os patagões são tenazes,
independentes e bravos,
orgulhosos de sua cultura,
ligados a sua terra.*

*Muitas tradições patagônicas,
como tumbas marcadas com
casas em miniatura, vêm da
Isla Grande de Chiloé.*

*Mas os carros de bois, as
canções gauchescas, as boinas
bascas e o mate amargo,
tomado gole a gole com uma
bomba de metal, são símbolos
universais do sul*



PARAISO...

O PARAISO PERDIDO?

ESTÁ SEMPRE AMEAÇADA A BELEZA? Deve ser a perfeição sempre um prelúdio da pilhagem? Sem lugar a dúvidas, é só um acidente que o Sul secreto do Chile seja tão virgem, tão prístino. Um acidente da geografia: a natureza se encarregou de pôr obstáculos no caminho, literalmente obstáculos no caminho, fechando todas as rotas desde o populoso Norte, pondo freio efetivamente ao desenvolvimento industrial moderno antes inclusive de que começasse. Que sorte! O resultado é um lugar quase perfeito. Quase intocado. Quase desconhecido. Mas a sorte se pode acabar. E muitos no Sul sentem que a sorte da Patagônia está acabando-se.

Por quê? A Patagônia tem rios, muitos rios, rios que correm livremente, rios dos quais você pode beber água sem sequer preocupar-se da contaminação. Mas quando os engenheiros e empresários olham os rios, vêm represas, linhas de transmissão e dinheiro. Alguns questionáveis acordos de governo durante os problemáticos anos da ditadura de Pinochet, entregaram um ostensível controle sobre os rios da Patagônia a empresas de energia estrangeiras e assim começou uma campanha de represar cada rio livre de Palena e Aysén

para gerar eletricidade e enviar esta eletricidade ao Norte a través da maior linha de transmissão de alta tensão do mundo. Não só uma linha de transmissão, senão que duas, uma de cada lado, com torres de centenas de metros de altura, uma lacra cênica da qual a Patagônia jamais se recuperará. Anda não aconteceu. Não deveria acontecer. Mas poderia ser.

Inclusive a paisagem mais bela, mais poética não pode defender-se sozinha. Necessita amigos. Defensores. E quem vai defender à Patagônia se ninguém sabe o que tem lá? É fácil chamar a Palena e Aysén “O segredo do Sul de Chile” e também é certo que a maioria dos chilenos não tem idéia do tesouro que está escondido no longínquo Sul. Eles não têm visitado a Patagônia Desconhecida. Não a tem visto. Não tem se apaixonado por ela. Assim aconteceu aos que necessitam contar a historia, mostrar as fotos, louvar a paisagem e convidar a outros a visitá-la. Compartilhemos o Sul enquanto ainda esteja perfeito.

Quiçá o possamos manter assim.

Tomara!



*Atardecer no Lago Carrera no corazón de Aysén, o maior, e para nós, o mais belo do Chile—
o maior, o mais belo e o mais desconhecido.*



*Cerro Castillo
na primavera*

A PATAGÔNIA DESCONHECIDA

publicado por Western Eye Press

Box 1008, Sedona AZ 86339 USA

fone 1 800 333 5178

www.WesternEyePress.com

Fotos © 2010 Linde Waidhofer

Textos © 2010 Lito Tejada-Flores

Tradução ao português Cristian Labra

Esta versão eletrônica, o “eBook,”

pode ser copiada e compartilhada livremente

e está disponível, grátis, na página web

da fotógrafa, www.WesternEye.com

o em www.WesternEyePress.com.

Temos a esperança de que enquanto mais gente

conheça esta Patagônia Desconhecida, mais fácil será

protege-la de um desenvolvimento destruidor..

Todas as fotos se podem comprar

como ampliações de arte.

Para maiores informações

Sirva-se contatar a Linde Waidhofer

diretamente em lindew@westerneye.com



ENVOI

Se você está vendo este livro em qualquer tela de computador, pode fechar o livro pressionando as teclas Command+W num Mac, ou as teclas Control+W num PC..

Mas num iPad, dê uma batidinha ao centro da tela para poder voltar a sua coleção de livros eletrônicos.

Linde gostaria de receber suas impressões e/ou comentários sobre este, e outros de seus livros de fotos.

Pode escrever a Linde a...

lindew@westerneye.com